



## DESMISTIFICANDO A RIQUEZA DAS NAÇÕES: JUSTIÇA SOCIAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO EM ADAM SMITH

Thaís Cristina Alves Costa<sup>1</sup>:

Evandro Barbosa (orientador)<sup>2</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

Diante da visão *mainstream* de que Adam Smith fez uma defesa *tout court* do *laissez-faire* e do puro cálculo racional da economia, buscaremos desconstruir tais interpretações enviesadas através da releitura de *A Riqueza das Nações*.

### 2. METODOLOGIA

Será utilizada uma literatura revisora, que aponta Smith como um reformista social, isto é, preocupado com os efeitos da pobreza, da falta de educação e das melhorias das condições de vida dos trabalhadores, reconhecendo a importância do governo para questões de justiça social.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ponto A. *Contexto histórico*. Adam Smith é o precursor do liberalismo econômico, e, em sua obra *Riqueza das nações*, afirma que a liberdade do indivíduo depende da existência de um mercado também livre, no qual se possa comercializar sem a intervenção estatal. Nesse sistema, o indivíduo busca naturalmente o lucro, fato que rege todo o comércio e consequentemente, toda a sociedade. Porém, a busca pelo lucro e a defesa de um mercado autorregulador não faz com que o ele pense, exclusivamente, em evitar incursões da propriedade privada, uma vez que, em seu pensamento, as dimensões de proteção contra as violações dos sentimentos e integridade do indivíduo também são relevantes.

Todavia, elementos como esses são totalmente desconsiderados pela leitura tradicional do pensamento smithiano. É diante dessa realidade que propomos a retomada do contexto histórico e linguístico através de uma leitura

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Visiting Scholar da University of North Carolina - Chapel Hill (UNC-Chapel Hill) e mestranda em direito na Universidade Federal de Rio Grande (FURG).

<sup>2</sup> Professor do graduação e Pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Visiting Scholar na University of North Carolina - Chapel Hill (UNC-Chapel Hill).

minuciosa de sua principal obra, buscando em cada conceito aqueles elementos que foram negligenciados, para então, compreender o *corpus* teórico smithiano. Para corroborar com nossa releitura, utilizaremos o auxílio de diversas literaturas revisoras.

Ponto B. *Republicanismo Cívico*. Reconhecer o caráter republicano de Smith implica dizer que um dos pontos fundamentais de sua teoria é compreender que o autointeresse não pode ser considerado o único sentimento que move as relações interpessoais na economia, posto que há, antes de tudo, o sentimento de confiança mútua “quando as pessoas de qualquer país têm tanta crença recíproca que assegura o funcionamento da economia”<sup>3</sup>.

Portanto, a motivação para as trocas comerciais não é uma defesa da mera busca por obtenção de vantagens individuais que estaria atrelada a teoria da escolha racional, consistindo apenas na promoção do autointeresse. Tal dedução extraída de sua teoria provém da interpretação *tout court* e equivocada da frase, “não é da bondade do homem do talho, do cervejeiro ou do padeiro que podemos esperar o nosso jantar, mas da consideração em que eles têm o seu próprio interesse”<sup>4</sup>. O que esta passagem indica é como se dão as operações comerciais, ou seja, apenas que negociações com vantagens mútuas são comuns e não que somente o autointeresse regeria a economia, sendo o suficiente para uma sociedade progredir<sup>5</sup>. Ademais, se fizermos um estudo atento da palavra utilizada por Smith encontraremos o termo *exchange*<sup>6</sup> em detrimento de distribuição ou produção, demonstrando que a sua proposta é de um intercâmbio sustentável, no qual deve predominar a autoconfiança e não a simples obtenção de vantagem. O que reforça a ideia de que a motivação para a economia em Smith é preponderantemente relacionada ao sentimento de confiança entre agentes sociais<sup>7</sup>.

Ponto C. *Proteção social*. Adam Smith defende a necessidade do progresso econômico e, para isso, não apenas a minimização da coerção<sup>8</sup> é necessária, como também: *i*. melhorias das condições de vida e *ii*. erradicação da pobreza.

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. Do original: SMITH, *apud*, SEN, 2009b, p. 55. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/2009/03/26/capitalism-beyond-the-crisis/>>.

<sup>4</sup> SMITH, 1776, p.30.

<sup>5</sup> Cf. SEN, 1999, p. 39.

<sup>6</sup> De acordo com o dicionário *Oxford*, *exchange* pode ser denominado como: “An act of giving one thing and receiving another (especially of the same kind) in return”. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/exchange>.

<sup>7</sup> De acordo com Smith em *Teoria dos sentimentos morais*, “Nothing pleases us more than to observe in other men a fellow feeling with all the emotions of our own breast; nor are we ever so much shocked as by the appearance of the contrary”. (SMITH, 1759, p 13).

<sup>8</sup> Quanto à minimização da coerção, Smith considera que o mínimo de coerção em relação às motivações e ações dos indivíduos, permitiria a maior extensão possível da liberdade de todos, isto é, o exercício igual dos interesses. Nesse sentido, o progresso econômico seria o garantidor da harmonia social que primaria por inúmeras liberdades, uma vez que tudo o que interfere nessas é considerado injusto e contrário ao liberalismo. É o caso, por exemplo, dos monopólios que agem contra o interesse público e representam uma coerção ilegítima dos interesses de todos, ou seja, é injusto para Smith.



#### 4. CONCLUSÕES

Em suma, falamos da necessidade da releitura do pensamento smithiano, pois consideramos que, ao longo do tempo, a tradição desconsiderou os elementos republicanos e sociais essenciais de seu pensamento, o que provocou sua associação com teorias que defendem um Estado mínimo sem quaisquer considerações sociais. É nestes termos que, quanto mais adentramos na leitura de Smith, mais percebemos que seu liberalismo não está centrado em uma defesa libertária. Pelo contrário, os traços de preocupação social e cívica de sua teoria demonstram que sua proposta liberal não é uma caixa hermeticamente fechada. Diante disso, percebemos que o liberalismo clássico é capaz de produzir a ordem, não somente em termos de estabilidade social, mas enquanto sociedade justa, conciliando liberdade com uma concepção igualitária de justiça social.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SEN, Amartya. *Adam Smith's market never stood alone*, 2009a. Disponível em: <https://www.ft.com/content/8f2829fa-0daf-11de-8ea3-0000779fd2ac>. Acesso em 28 de março de 2018.

\_\_\_\_\_. *Capitalism Beyond the crisis*, 2009b. Disponível em: <http://www.nybooks.com/articles/2009/03/26/capitalism-beyond-the-crisis/>. Acesso em 04 de agosto de 2018.

\_\_\_\_\_. *Development as Freedom*. New York: Anchor Books, 1999.

SMITH, Adam. *An Inquiry into the Nature and causes of the wealth of nations*. Chicago: The University of Chicago Press, 1776.

\_\_\_\_\_. *The theory of Moral Sentiments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1759.

STOCKER. *Adam Smith, the city, natural order, republicanism*. Disponível em: <http://istanbulfactsandideas.blogspot.com.br/2009/08/adam-smith-city-natural-order.html>. Acesso em 25 de julho de 2018.